

**EMOLDURAMENTO PRAGMÁTICO  
E EXTENSÃO DAS SIGNIFICAÇÕES:  
ÂMBITOS RELEVANTES PARA O REVESTIMENTO SEMÂNTICO**

Maria Célia Lima-Hernandes (USP)\*

**Resumo:**

Neste artigo, discuto a diferença existente entre a semântica de base filosófica, a semântica de traços e a significação motivada pelo contexto discursivo-pragmático. Argumento que, para a composição da significação pragmática, os falantes mobilizam não somente conhecimentos lingüísticos mas também conhecimentos culturais e contextuais como ferramentas imprescindíveis para resolver ambigüidades recorrentes no processo comunicativo.

**Palavras-chave:** pragmática; semântica; moldura discursiva.

**Abstract:**

*In this paper, I identify some different characteristics between three types of semantic works: the philosophic semantics, the semantics markerese and the pragmatic-discursive context semantics. I argue that the pragmatic significance arise from cultural, contextual and linguistic knowledge and they are the speaker's very important strategies to solve ambiguity in the communicative process.*

**Keywords:** pragmatics; semantics; discursive frame.

---

\* Professora Doutora da área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - FFLCH-USP.

## Introdução

Não há consenso sobre a extensão do rótulo *pragmática*. Muitos estudiosos afirmam referir-se às características de utilização da língua, envolvendo motivações psicológicas, reações dos interlocutores e tipos socializados de fala, que seriam objetos de fala.

Segundo Rajagopalan (1996), o rótulo é tão amplo e aplicado para se referir a uma diversidade de fatos que Haberland & Mey (1977)<sup>1</sup>, por exemplo, dizem ser uma grande válvula de escape para questões ainda irrespondidas, daí a impressão de que seja um “verdadeiro saco de gatos”, quando na verdade constitui-se atualmente um dos tripés das linguística moderna. É a seara que clama por ser desbravada neste século XXI.

Ainda esse autor argumenta que para Gazdar (1979) a separação entre a significação pragmática de outros tipos de significação pode ser o melhor roteiro para apreender a extensão do termo, daí defini-la como o “estudo da significação, menos a semântica”. Com isso, pretende separar o alvo da delimitação de outros significados mais presos à área da Semântica, tanto de base filosófica quanto de base formalista.

Seria, então, a Semântica área pertinente a linguistas, e a Pragmática seria área mais propícia à atuação de psicólogos? É o que discuto neste artigo. Para tanto, apresento uma breve revisão das idéias formalistas, originadas numa semântica de base filosófica. Depois, enveredo pelos caminhos da pragmática a fim de apresentar

---

<sup>1</sup> “when in trouble, call it pragmatics and jump!”

um quadro teórico que oferece guarida à significação de uma forma mais ampla e irrestrita.

## 1. O modelo formalista e sua base filosófica

Wittgenstein (1996:95), por exemplo, afirma que “uma coisa é idêntica a si mesma”. Trata-se da ilustração da mancha que, num papel em branco, mantém ajustado o seu contorno ao redor do branco. Derivadas dessa concepção, encontramos Frege (1960), cujas idéias estão sintonizadas com as de Lewis.

Lewis (1976:169) denuncia sua orientação filosófica já no início de seus escritos, contudo seria desnecessária a escrita do fato, já que em outro momento ele cita Frege e Carnap<sup>2</sup>: “This paper therefore belongs not to empirical linguistic theory but to the philosophy thereof”.

É comum que lingüistas, ao enveredarem pelos veios semânticos, lidem com semântica, lidem com sentidos e noções correlacionadas, mas, em se tratando de lógicos, a atenção invariavelmente se volta para o estudo da referência lingüística, incluindo denotação e condições de verdade nas línguas:

*My proposals are in the tradition of referential, or model-theoretic, semantics descended from Frege, Tarski, Carnap (in his later works), and recent work of Kripke and other on semantic foundations of intensional logic. (Lewis, p.170)*

---

<sup>2</sup> Rudolf Carnap (1891-1970), nasceu em Ronsdorf, e estudou matemática, física e filosofia na Universidade de Jena, onde teve Frege (1848-1925) como professor.

Não se pode esquecer que tanto Frege quanto Lewis foram impulsionados pela busca da simplicidade, cada um a seu modo, mas, enquanto Frege se coloca o problema da igualdade - a igualdade é uma relação entre objetos ou entre nomes ou sinais de objetos? (Frege 1892:49) -, Lewis se coloca face a face com o problema de como uma coisa pode ser duas coisas.

Lewis não sabe quais artifícios existem dentro do sentido, mas propõe montar algo que funcione de maneira similar. Seu argumento de simplicidade, assim, pode ser representado pela ‘função’: “I hope, however, that the system set forth in this paper offers a simpler way to do essentially the same thing”. (Lewis, p.170)

Já em Frege, para a análise, há a defesa de uso de uma língua fora daquela analisada. Então, no texto de Lewis e de todos aqueles semanticistas composicionalistas, é consenso a idéia de que a própria língua não pode ser usada como meio de realizar as tarefas semânticas. Dessa maneira, um dos maiores pecados dentro da semântica fregeana é empregar a linguagem como metalinguagem:

*To do semantics for it, we must move to a second language in which ‘thing’ is taken more inclusively; to do semantics for that language we must move to a third language in which ‘thing’ is taken more inclusively still; and so on..* (Lewis, p.177)

Esse é o argumento que semanticistas de base filosófica utilizam para chegar à generalização de que não é possível haver nenhuma metalinguagem universal, mas o próprio Lewis não consegue, de imediato, se eximir totalmente desse pecado: “Let us ignore the sequence of

semantic metalanguages that still escape treatment”. (Lewis, p.177)

A semântica desenvolvida por Lewis baseia-se numa semântica de mundos possíveis, mas que não se preocupa com a formalização perfeita em estruturas de superfície (Creswell, 1976:261). Lewis de fato acredita que a um mundo possível corresponda uma totalidade de fatos, com toda a abrangência possível, embora essa crença seja alvo de críticas fervorosas por parte de integrantes de outras correntes semânticas, como a de Jackendoff<sup>3</sup>, por exemplo.

De qualquer modo, um sentido é algo que, parafraseando Lewis, determina as condições sob as quais a sentença é verdadeira ou falsa: “Semantics with no treatment of truth conditions is not semantics”. (Lewis, p.169)

Frege e Lewis compartilham a crença em que a combinação de forças semânticas atua para o sentido de uma expressão complexa, como defende Chierchia (1997:26):

*Il significato di una espressione complessa dipende in maniera regolare dal significato delle sue espressioni componenti e dal modo in cui queste sono sintatticamente combinate.*

Ao juntar a sintaxe e a semântica, Lewis adota um procedimento composicional. Esse caminho possibilitou que desse conta, por exemplo, das orações não-declarativas.

---

<sup>3</sup> Jackendoff, em *Conceptual Semantics* (p.83), considera pretensão de Lewis que “a possible word corresponds to a possible totality of facts, determinate in all respects”. Jackendoff contra-argumenta, afirmando que “the notion of ‘determinate in all respects’ is a chimera, an idealization that leads to counter-productive results.”

Para Lewis, é ‘agradavelmente’ cômodo o tratamento das relações semânticas genuínas por meio da finitude, pois num estudo semântico ‘de verdade’ a conversão de uma língua em outra precisa ser complementada pela busca das condições em que a interpretação tenha valor de verdade. Tais críticas têm endereço certo: Katz & Fodor (1963, *apud* Lewis 1976), que fizeram uso de análogo formal para a competência semântica a partir da teoria dos conjuntos, porém numa álgebra equivocada, por oferecer tratamentos indistintos para conjuntos distintos.

O espaço físico que Lewis destina a essas críticas representa, guardando as devidas proporções, a extensão da influência desse modelo estrutural à época: a *Semantic Markerese* era o modelo mais tradicional e difundido, portanto seu maior oponente. Observemos o seguinte caso:

(1) Talvez a solução fosse abraçá-*lo* e beijá-*lo*. Só assim, *ele*, o *Jair*, me entenderia.

No exemplo (1), o SN “o Jair” detém os mesmos traços de “lo” e “ele”, quais sejam [+humano], [+animado] e [+definitude]. Esse tipo de análise representaria o modelo da *Semantic Markerese*, que, se pensarmos nessas categorias semânticas em termos de um *continuum*, não teria o mesmo êxito.

Outro modelo semântico questionado por Lewis foi aquele de base psicológica e social. A forte crítica deve-se ao fato de que Lewis, como outros formalistas, rejeita quaisquer explicações semânticas que busquem respaldo em intenções, experiências sensoriais, idéias mentais, regras sociais, convenções e regularidades perdem a confiabilidade que somente detém aquele que trilha os caminhos das relações semânticas genuínas. Mas seria toda a significação mais

genuína, de fato, aquela livre de padrões rotineiros de usos numa comunidade?

Alguns problemas emergem da teoria fregeana, dentre os quais cito dois: a não-aplicação aos dêiticos e a não-aplicação aos sincategoremáticos. Em Frege não há espaço para tratar de quaisquer sinais que tenham vários referentes. Dessa maneira, os dêiticos não recebem a resposta adequada, haja vista que “a regra básica de interpretação das expressões dêiticas consiste em procurar sua referência no contexto em que são produzidos os enunciados lingüísticos que as contêm” (Ilari, inédito, p.60) e essa linha semântica, limitando-se ao sentido inerente das expressões, impossibilitou tal tratamento.

Esse modelo também deixa esquecidos os sincategoremáticos e esse problema deriva do fato de que esse conjunto de termos não respeita a genuinidade pretendida, qual seja, a cada sinal corresponderia somente um sentido que, por sua vez, corresponderia a uma única referência (Pinto, 1977:54). Ao contrário, esses termos sincategoremáticos desviam-se desse caminho ao respeitar regras internas das seqüências nominais:

(2) *Eu* sempre penso em comprar aquele livro, mas ele é muito caro.

Frege faz acreditar na possibilidade de que se têm sentenças com nomes próprios e que elas são construídas a partir de predicados numa relação de esvaziamento e preenchimento. Esse esvaziamento faz pensar que outros nomes autorizados pela linguagem podem preencher esse vazio. As possibilidades serão testadas tendo em vista seu valor de verdade. Com a inclusão do quantificador, as coisas

se complicam, pois, do ponto de vista lógico, o nome próprio deve ser tratado de modo diverso do quantificador.

Em todo o caso, Lewis consegue apresentar soluções interessantes, a partir da adequação do modelo. Acrescentando um componente transformacional à gramática categorial, que possibilita o uso das regras de transformação, colocou-se na posição daquele que ‘sai em busca de outros caminhos’ e não daquele que ‘rompe com o modelo anterior’. Portanto, nas soluções encontradas, Lewis reafirma os pressupostos básicos fregeanos da composicionalidade.

## **2. O modelo funcionalista e sua base discursivo-pragmática**

Há outros âmbitos de significação que merecem aqui ser descritos posto que incluem outras habilidades necessárias aos usuários da língua para a compreensão das informações. Segundo Levinson (1983), essas habilidades seriam pragmáticas<sup>4</sup>, pois envolvem inferências a partir de seqüências informativas. Então, na conversação, seqüências comunicativas desencadeariam processos cognitivo-pragmáticos no interlocutor<sup>5</sup>. Por isso, não se pode ignorar a significação decorrente da “relação entre significado ou sentido de expressão e força comunicativa em dada situação” (Leech, *apud* Magalhães 1996). Levinson (1983:35) defende,

---

<sup>4</sup> “a descrição da habilidade de se computar em seqüências de falas inferências detalhadas sobre a natureza de suposições e propósito por trás das falas” (Levinson 1983)

<sup>5</sup> “na negociação dos sentidos, há a problematização, transformação e reconstrução. Isso tudo é pragmática” (Magalhães 1996)

na verdade, uma não-autonomia entre semântica e pragmática:

*This amounts to a concise argument that semantics is not autonomous with respect to pragmatics, and that pragmatics provides part of the necessary input to a semantic theory. But if pragmatics is, on occasions, logically prior to semantics, a general linguistic theory simply must incorporate pragmatics as a component or level in the overall integrated theory.*

Quando uma criança ouve sua mãe lendo o seguinte trecho de uma história infantil: “Você deve jurar sobre sua honra que...” (A guardiã dos gansos, Irmãos Grimm), o que de fato essa criança compreende. A composicionalidade pouco ajudaria na compreensão desses sentidos, tampouco uma semântica de traços seria o auxílio necessário à compreensão. Onde estaria, então, o sentido necessário para que a criança compreendesse o sentido de “honra” na atualidade e à época da escrita da história? Ajudaria, de fato, ter um contexto sintático mais amplo? A significação poderia ser recomposta a partir de um sentido que não está na genuinidade do termo, também não está na composicionalidade, mas num contrato social estabelecido num tempo passado.

Certamente, a compreensão dos seguintes trechos poderia também ser afetada se não se levar em conta outras significações:

(3) De 1940 a 1941, eles nos seqüestraram. Primeiro não podíamos sair de casa...antes ainda do gueto...usávamos uma *faixa com uma estrela no braço*...e...depois...penso

em 41 ou 42...eu não lembro mais...um monte de coisas na cabeça...eles nos colocaram no gueto...” (Blikstein 1994)

- (4) Antigamente certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegos com a boca na botija, contavam tudo tintim-por-tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorro em lingüiça. E alguns ouviam o galo, mas não sabiam onde. (...) Acontecia o indivíduo apanhar uma constipação; ficando perrengue, mandava um próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era phtysica e feia era o gálico. Antigamente os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, asthma, os gatos; os homens portavam ceroulas, botinas e capa de goma, a casimira tinha de ser superior e mesmo *X.P.T.O.London*; não havia fotógrafos, mas retratistas, e os Cristãos não morriam, descansavam. Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.” (Carlos Drummond de Andrade)

O exemplo (3), se lido atualmente por adolescentes, provocaria um estranhamento: como pode alguém sentir-se marginalizado por carregar uma estrela no braço? Hoje, certamente, viraria moda. No exemplo (4), além da condensação de expressões idiomáticas, há a expressão *XPTO London*, gíria de grande circulação nos meados do século passado. Hoje, esse sentido é inacessível às novas gerações, que empregariam outros termos, como bonito, legal, “da hora”, jóia, bacana, etc.

Para compreender a significação de “pegadinhas” também lidamos com possibilidades de sentidos e possibilidades de segmentação. Foi o que mostrou Possenti

(1996) e o que similarmente fazemos com o seguinte texto apresentado por Ilari (2004:14):

(5) O chefe da obra esbarra com o traseiro num dos serventes que estão caminhando no andaime, 60 metros acima do nível do chão. O servente cai e morre. Qual o nome do filme? [Acusadademorte] ou, ainda, [a cuzada de morte].

Para resolver esse problema, mobilizaríamos que tipos de habilidades? Seriam habilidades puramente semânticas, no sentido genuíno do termo, ou entrariam outros conhecimentos para que o efeito previsto fosse produzido? O que permite ao interlocutor conseguir dois sentidos para uma única seqüência fonêmica? A sobreposição de leituras estaria nos limites de uma significação primitiva? E o que dizer do conhecimento mobilizado para provocar o sorriso, a graça. A piada envolve significações ambíguas, portanto, sobrepostas:

(6) Marido 1 - Como você ousa dizer palavrões na frente da minha esposa?

Marido 2 - Por quê? Era a vez dela?" (*apud* Ilari 2003:12).

Muitos conhecimentos são, na verdade, recrutados para a solução do problema apresentado. Não se pode, precisamente, segmentá-los, mas é a ausência deles que faz com que uma criança não consiga compreender alguns tipos de texto, como a piada por exemplo; ou, mesmo, que um brasileiro não compreenda uma piada norte-americana.

Conhecimentos como esses são buscados por lingüistas históricos ao desvendarem que somente a atuação de metaplasmos somente não seria suficiente para explicar algumas mudanças semânticas na passagem do latim popular para português. É o que vemos em *asinus burrus* (asno

ruivo/vermelho) > *burro*. Como a maioria dos asnos era ruiva, passou-se a nomear o animal simplesmente *burro* (ruivo, vermelho). Houve, assim, um processo metonímico de mudança semântica. O uso mais popular para o nome do animal, então, é *burro* e menos frequentemente *asno*, em São Paulo mais comumente empregado como derogativo<sup>6</sup>.

São mudanças que fogem à Semântica de Traços e também a um modelo composicional. Os apelos atingem campos mais distantes da dita genuinidade semântica. São esses apelos mais distantes que permitem compreender a passagem da palavra *kauma* (gr. calor) ao significado latino *calma* (lat. tranqüilidade), licenciando o seguinte uso mais recente: A Antártida é calma.

Outros casos incluídos no rol das significações pragmáticas são os das proposições relacionadas e das pressuposições.

a) **proposições relacionadas** - referem-se a duas porções informativas aparentemente dissociadas, formalmente sem um conector, mas que permitem uma leitura relacionada porque o valor de verdade de uma porção informativa não viola a verdade da outra.

(7) Estou com fome. Vamos ao Fiori.

Mesmo que não se conheça o locativo “Fiori”, o interlocutor irá compreender que se trata de um restaurante (ou cantina) italiano em função da primeira porção informativa “estar com fome”. Caso semelhante ocorre no exemplo (8):

(8) Acabou minha gasolina. Vou até a praça.

---

<sup>6</sup> Os derogativos foram alvo de análise em Lima-Hernandes (2005).

Que relação poderia haver entre os eventos de “acabar a gasolina” e de “ir até a praça”? Nenhuma se essas informações não estivessem seqüenciadas. O interlocutor é capaz de inferir que, na praça, há um posto de gasolina para abastecer o carro, que está sem gasolina. Essa relação entre as orações é estabelecida mentalmente pelo interlocutor e, caso tenha dúvidas quanto à compreensão da combinação estabelecida, formulará uma pergunta nesse sentido: “na praça, há um posto de gasolina?”, “vamos abastecer o carro na praça?”, ou alguma pergunta similar.

b) **pressuposição** - a partir de uma porção informativa assertiva e explícita, os usuários da língua captam outras porções informativas não-explicitadas:

(9) Deus é fiel.

(10) I love Mongaguá.

Muitos desses processos de construção da significação são orientados pela relevância conversacional. Não se pode conversar com o outro sem se levar em conta a cooperação, a brevidade, a objetividade e a clareza (Grice, 1968, *apud* Dascal, 1982). Então, dizer apenas uma porção informativa prevendo que o interlocutor seja capaz de reconstruir as informações omitidas, ou, ainda, dizer duas porções aparentemente desconexas num encadeamento sintático prevendo que o interlocutor as conecte de modo relevante para a conversa são estratégias muito comuns na situação de língua falada. São as dobras, as fendas, as implicaturas da conversa, relações genuinamente significativas, genuinamente pragmáticas.

## Referências Bibliográficas

- BLIKSTEIN, I. (1996). O discurso dos sobreviventes dos campos de concentração - um enfoque pragmático/semiótico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (30). Campinas: Universidade Estadual de Campinas. (pp.21-26)
- CHIERCHIA, G. (1997). *Semântica*. Bologna: Il Mulino.
- CRESWELL, M.J.(1976). "The Semantics of Degree". In: PARTEE, B.H. (ed.) *Montague Grammar*. New York: Academic Press,(pp.261-292)
- DASCAL, Marcelo (1982). *Fundamentos metodológicos da Lingüística. volume 4: pragmática*. Campinas, s/e.
- FREGE, G. (1960). "On Sense and Reference". In: GEACH, P.T. & M.BLACK. *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege*. Oxford: Blackwell.
- ILARI, R. (2003). *Introdução ao estudo do Léxico: brincando com as palavras*. São Paulo:Contexto.
- \_\_\_\_\_ (2004). *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_ (inédito). *Semântica e Pragmática*. (xérox)
- LEVINSON, S. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge Press University.
- LEWIS, D. (1976) "General Semantics". In: PARTEE, B.H. (ed.) *Montague Grammar*. New York: Academic Press (pp.1-50)
- LIMA-HERNANDES, M.C. (2005). A dimensão social das palavras. In: SILVA, L.A. *A língua que falamos - Português*:

*história, variação e discurso*. São Paulo: Globo (pp. 121-161).

MAGALHÃES, M.C. (1996). Pesquisa em formação de educadores: a Pragmática como negociação de sentidos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (30). Campinas: Universidade Estadual de Campinas/IEL (pp. 57-70)

PINTO, M.J. (1977). Análise semântica de línguas naturais: caminhos e obstáculos. RJ: Forense-Universitária.

POSSENTI, S. (1996). Pragmática na análise do discurso. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (30). Campinas: Universidade Estadual de Campinas/IEL (pp.71-84).

RAJAGOPALAN, K. (1996). Pragmática - uma vista aérea. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (30). Campinas: Universidade Estadual de Campinas/IEL (pp.5-7)

WITTGENSTEIN, L. (1996). Investigações filosóficas. SP: Nova Cultural.